

As Atividades Culturais Artísticas como Símbolos de Representação da Tríplice Fronteira, um Recurso do Turismo na Cidade de Foz do Iguaçu

Las Actividades Culturales Artísticas como Símbolos de Representación de la Triple Frontera, un recurso del Turismo en la Ciudad de Foz do Iguazu

Artistic Cultural Activities as Symbols of Representation of the Triple Border, a Tourism Resource in the City of Foz do Iguaçu

Daiane Glauca de Oliveira¹

Resumo

O presente artigo traz uma panorâmica de como a prática de atividades culturais ligadas às manifestações artísticas, são envoltas de símbolos que atribuem representação a características dos três países que fazem parte da Tríplice Fronteira, símbolos que contribuem para identidade cultural desses grupos. Sendo Foz do Iguaçu uma fronteira cuja economia gira em torno do turismo, cabe a ele também ser propiciador e agenciador dessas atividades, trazendo o turista a vivenciar de forma mais próxima a cultura da região, e de certa forma interagir e se identificar com os locais, expondo a diversidade e fortalecendo o contato com o outro, além de recuperar e fazer a manutenção da memória coletiva.

Palavras-Chave: Cultura; Turismo; Tríplice Fronteira; Símbolos; Manifestações Artísticas.

Resumen

El presente artículo trae una panorámica de cómo la práctica de actividades culturales ligadas a las manifestaciones artísticas, son envueltas de símbolos que atribuyen representación a las características de los tres países que hacen parte de la Triple Frontera, símbolos que contribuyen a la identidad cultural de esos grupos. Siendo Foz do Iguazú una frontera cuya economía gira en torno del turismo, corresponde a él también ser propiciador y agenciador de esas actividades, trayendo el turista a vivenciar de forma más cercana a la cultura de la región, y de cierta forma interactuar y identificarse con los locales, exponiendo la diversidad y fortaleciendo el contacto con el otro, además de recuperar y hacer el mantenimiento de la memoria colectiva.

Palabras claves: Cultura; Turismo; Triple Frontera; Símbolos; Manifestaciones Artísticas.

Abstract

This article presents an overview in how the practice of the cultural activities linked to the artistic manifestations are surrounded by symbols that defines characteristics of the three countries in the Triple Frontier, symbols that contribute to the cultural identity of these groups. Being Iguassu Falls a city part of a frontier whose economy greatly involves tourism, it is also responsible to provide and facilitate these activities, bringing tourists to an experience closer to the culture of the region, in a certain way to interact with and

¹ Discente do Programa de Pós- Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras – Mestrado – Unioeste; Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil; dayaholiveira@hotmail.com.

identify itself with the locals, exposing the diversity and strengthening the contact with the other, besides recovering and maintaining the collective memory.

Keywords: Culture; Tourism; Triple Border; Symbols; Artistic Manifestation.

1. Introdução

As atividades culturais na cidade de Foz do Iguaçu que são desenvolvidas no contexto hoteleiro e de casas de show utilizam-se da cultura regional, o tema Tríplice Fronteira é de fato, o mais atrativo para o contexto turístico. Explorar o Folclore Paraguaio com a famosa *Danza de las Botellas*, o som da Arpa, a Polca e *El Pávaro Campaña* faz referência aos irmãos de fronteira. No que se diz respeito a Argentina, todos esperam assistir a um belo tango, conhecer as famosas boleadeiras, essas que são heranças dos índios guaranis, que viviam às margens do rio *Del la Plata*, principal arma de caça deixada aos gaúchos que caçavam nas pradarias dos pampas Rio-grandenses, Uruguai e Argentina, e que agora se faz número artístico, emitindo sons com a mistura de sapateado e até mesmo com fogo, *El Poncho* vestes tradicionais de *Los gauchos* também é dança, e traz a representação do povo argentino. Já no Brasil, não pode faltar o samba, a capoeira, o carnaval e o frevo, menções entre outras que os turistas esperam ver com cores vibrantes, alegria e muita interação. Partindo destes exemplos, o turista que visita a cidade de Foz do Iguaçu, movido pelo encanto das Cataratas do Iguaçu, da Usina Hidrelétrica de Itaipu e outros pontos de visitação, são recebidos pelos hotéis com noites temáticas, e até mesmo churrascarias, restaurantes, utilizam-se desse contexto cultural para entretenimento e tornar mais especial a visita à cidade. Atrativos estes, que atribuem significação ao contexto cultural regional, que simbolizam o folclore de cada País, e faz a manutenção das manifestações que são transmitidas pelo povo que nele vivem. Assim sendo, a pesquisa tem como objetivo identificar e observar de que forma o turismo se apropria desse mecanismo, e se conscientemente têm-se a proposta de ativar as atividades culturais artísticas, como recurso de promover o turismo local e regional, tratando-se de Tríplice Fronteira. A pesquisa será realizada a partir de referências bibliográficas.

2. Fundamentação Teórica

2.1 Cultura e Símbolos

A cultura por si só pode ser interpretada e definida de diversas formas, antes de pensar em atividades culturais, manifestações culturais, representações e símbolos, contextos e todos

os prefixos possíveis, passaremos pontuar de forma sucinta algumas ideias de autores a respeito do tema, sem intenção de definir, apenas apresentar. “Em 1871, Tylor definiu a cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje.” (LARAIA, 2001, p. 16).

O autor Geertz (2008, p. 4) “acredita como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias, e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura dos significados.”

Pois através dos significados propostos pelo homem às manifestações e ações transmitidas e mantidas, perpassadas inclusive ao longo do tempo, dá-se a importância do que é a cultura.

Em todo o caso, a cultura, como abstração, reflete um modelo ideal, construído pelos cientistas, sociais, que inclui, em sua diversidade, os padrões de comportamento, utensílios, os símbolos e significados dados tanto àqueles quanto às relações sociais. Inclui-se, assim, um conjunto de elementos tanto observáveis quanto não observáveis, que são apreendidos e transmitidos de uma geração à outra. (SANTANA, 2009, p. 72).

Por tempos, nossa sociedade é calcada nas representações culturais, nos elementos de memória coletiva que são perpassados, um exemplo vem da citação de Ortiz (1998, p. 32) “Por isso várias das festas populares se recobrem do significado de um rito de passagem: carnaval (renascimento do ano cristão), fertilidade da terra (rituais de agricultura), mobilidade de um grupo de idade para o outro (passagem da adolescência para o mundo adulto)”. Entende-se então que a Cultura é fluída, dinâmica, ela não é estática, está sendo produzida e transformada agora, ela se modifica conforme suas transmissões e conforme o tempo, o que se busca ao analisar a cultura é entender os atos ou conjuntos de atos simbólicos, sobre o que eles têm a dizer sobre si mesmo e o seu papel na vida humana.

Todo o comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos... Toda a cultura depende dos símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a

sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas um animal, não um ser humano... O comportamento humano é um comportamento simbólico. Uma criança do gênero *Homo* torna-se humana somente quando é introduzida e participa da ordem de fenômenos superorgânicos que é a cultura. E a chave deste mundo, e o meio de participação nele, é o símbolo. (LARAIA, 2001, p. 29).

A busca pela manutenção desses símbolos, por essas representações, são o vínculo do que o turismo busca quando inserem as manifestações culturais num contexto de visitação e atrativo turístico, pois é preciso reforçar, manter vivo e dinâmico para que exista, para que perpetue, e para que seja disseminado por diversos veículos de comunicação. Diz Kuper (2002, p.286) “As ideias, os valores, a cosmologia, a estética e os princípios morais são expressados por intermédio de símbolos, portanto, - se o meio é a mensagem – cultura podia ser descrita como um sistema simbólico. ”

Segundo Santos, (2006, p. 44) Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é “algo natural”, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Ela não é individual, particular e precisa ser compartilhada publicamente.

A cultura é parque de diversões e mercadoria, é o refinado e profundo e o mundano e extremo. Está cruzada, simultaneamente, pela identidade, pela tradição e pela mudança; é recurso, muralha, disputa. É a canção de ninar e a sinfonia em Cd, assim como o olhar de um usuário de drogas quando se injeta. É a coleção de tigelas e panelas... e todo o mencionado está à venda. É o que nos faz humanos (...) não é algo separado da política, do comércio, da religião ou do ódio (...) que é cultura também. (HUTNYK, 2006, p.357) apud (BARRETTO, 2007, p.19).

2.2 Turismo Cultural

A experiência de percorrer três países em um intervalo de tempo muito pequeno, é uma grande riqueza cultural, o turista que visita qualquer uma das três cidades, seja Foz do Iguaçu, *Puerto Iguazu* ou *Ciudad del Leste*, têm o defronte à hábitos diferentes, costumes regionais distintos, seja na alimentação, na arquitetura, artesanato, vestuário e no próprio idioma.

O turismo cultural está relacionado atualmente com a atração exercida pelo que as “pessoas fazem” apud (SINGH, 1994), incluindo a cultura popular, a arte, as galerias, a arquitetura, os eventos festivos individuais, os museus e os lugares patrimoniais e históricos, além da vivência de práticas e estilos de vida que diferem dos próprios. Para satisfazer tais desejos, procuram participar do intangível das culturas visitadas, observar (consumir virtualmente) o que se considera que as distingue fisicamente e atingir pela combinação de ambos os elementos um acúmulo de sensações que conformam a experiência. (SANTANA, 2009, p. 127).

A motivação de uma viagem poderá ter vários seguimentos, seja a prática de esportes, diversão, trabalho, passeio, visita, compras, razões culturais e demais, que possivelmente ao escolher um segmento desencadeie outro, pela própria relação com o consumo. “É possível que os que apreciam as expressões “culturais ou educacionais” “divirtam-se” praticando-as, ou que “diversão” e “visitas tenham influência recíproca” (BOULLÓN, 2004, p. 109).

Visto que a minoria de visitantes tenha como principal objetivo conhecer as manifestações culturais que permeiam a Tríplice Fronteira, é através do impulso que o turismo local intermediado pelas agências, hotéis e afins, promovem esse contato para que haja a interação, ativando os recursos que são disponíveis enquanto atividades que representam os três povos. “Quem viaja não quer fazer apenas uma coisa, porém várias, quantas lhe propiciem o tempo disponível e as facilidades. Tanto mais isso é verdade quanto mais o mundo de hoje valoriza o lazer.” (PIRES, 2001, 66). É nesse contexto que as atrações acontecem nos próprios hotéis, seja na recepção dos hóspedes, durante os jantares e durante os eventos, alguns pontos turísticos por sua vez, incluem as apresentações culturais no contexto da visita, como acontece hoje no Marco das Américas, onde há um show de dança relacionado a Tríplice Fronteira, gratuito aos visitantes, e também à venda produtos do artesanato local. Outro exemplo a ser descrito, são as churrascarias que oferecem o jantar e apresentação do Folclore dos três países. “De modo geral, os turistas buscam as formas “típicas” da cultura local, aquilo que apresenta de mais característico.” (DIAS, 2003, p.144).

Não é incomum visitar o Nordeste e dançar forró, no Recife ver frevo, em Olinda prestigiar os bonecos gigantes, em Buenos Aires assistir a um tango e vê-lo por toda parte, na Bahia, trançar os cabelos em estilo rastafáris, e essa é a intenção do turismo cultural, proporcionar a aproximação do visitante ao local visitado, oportunizar a experiência de reproduzir o que se faz ali, o que as pessoas fazem e como fazem, porque o fazer também é um legado.

As mudanças na visão que se tinha do turismo em relação à cultura também estão relacionadas à atual crise de paradigmas deste início de século. As certezas, os valores familiares, os ideais políticos estão se desintegrando, o que leva as pessoas a tentar buscar exemplos em culturas que se mantêm com valores, tradições e identidades pretéritos. Isso têm levado a que muitos viajantes contemporâneos, ao contrário dos turistas dos anos de 1950, desejem saber como se vive esse “outro”, numa busca por uma espécie de paraíso perdido com o desmoronamento da ética que marca o tempo presente. (BARRETTO, 2007, p.42).

Essas atividades de cunho folclórico e demais manifestações artísticas, na maioria das vezes são exercidos por nativos, tratando-se do tema Tríplice Fronteira, o envolvimento das atividades não são direcionados a nível regional, e sim nacional, sendo que, os panoramas têm como objetivo mostrar as principais atividades que identificam a cultura de cada País, o que simbolicamente é mais forte e abrangente. “Cada país responde diferentemente aos desafios do turismo em função da sua própria história, da sua cultura e do tipo de turismo que implanta.” (BARRETO, 2007, p.27). Nota-se que essas atividades geram oportunidades de emprego, tanto para o circuito de agências, quanto ao desenvolvimento econômico local, uma vez que esse turista pode optar por prolongar sua permanência na cidade, como também para os próprios promovedores das atividades culturais de entretenimento, que baseiam sua renda a esse tipo de trabalho, e que sendo assim, mantêm viva a atividade e possivelmente sua transmissão. “A fronteira corresponde a um elemento presente e constante na vida e nas estratégias de sobrevivência desenvolvidas pelos sujeitos que vivem na e da fronteira.” (CARDIN, 2014, p. 43).

Se quisermos elaborar uma semiótica da arte (ou de qualquer sistema de indicadores que não seja axiomáticamente independente) teremos que nos dedicar a uma espécie de história natural de indicadores e de símbolos, uma etnografia dos veículos que transmitem significados. Tais indicadores e símbolos, tais transmissores de significado, desempenham um papel na vida de uma sociedade, ou em algum setor da sociedade, e é isso que lhes permite existir. Neste caso significado também é uso, ou para ser mais preciso, surge graças ao uso. (GEERTZ, 1997, p. 179).

Diz o autor Douglas (1971, p.69 apud SAHLINS, 2003, p.120) o “cultural” não possui qualquer lógica necessária em si mesma, assim como sua ordem verdadeira é um reflexo dos grupos e relações desenvolvidos na prática social. É através da prática, do desenvolvimento

de atividades repetidas e mantidas por grupos, que a Cultura surge, e o hábito de vivenciá-la a faz viva no seu processo de manutenção.

A contextualização do folclore, desse modo, no atual momento implica sua relação com o desenvolvimento do turismo e com a necessidade de fortalecimento da identidade das comunidades expostas a esse aspecto da globalização. Contrariamente ao que o senso comum poderia supor, a exposição das culturas locais ao fenômeno da globalização pode levar ao fortalecimento da identidade cultural, decorrendo daí o reforço da manifestação folclórica, como atividade que remete ao passado da comunidade, reinterpretando-o, reforçando sua continuidade histórica e, portanto, a resistência à assimilação integral pela cultura do viajante. (DIAS, 2003, p.111).

Através das manifestações artísticas e práticas culturais, é possível aumentar a função dos símbolos e trazer de fato, características de identidade á grupos culturais determinados.

3. Conclusão

Em virtude do que foi mencionado, observar-se a importância e papel dos quais os veículos responsáveis pelas atividades turísticas na cidade de Foz do Iguaçu se apropriam. Sendo pertencente ao circuito de Tríplice Fronteira, é possível explorar as manifestações artísticas que correspondem aos países vizinhos, podendo assim ampliar as atividades, os roteiros, a permanência do visitante, e até mesmo propiciar diferentes e novas experiências e vivência relacionadas a culturas diferentes, e modos de fazer que se destacam pelos hábitos culturais. É evidente que o desenvolvimento econômico local se beneficia com essas atividades, onde há a geração de empregos desde os artistas, artesãos, empresários do meio turístico e o próprio comércio local, que mantêm por mais tempo esse turista consumindo produtos e serviços.

Para o município e até os países de fronteira, é um interessante apoio às atividades que envolvem o turismo, também para o desenvolvimento cultural e social, é uma oportunidade e uma forma de manutenção da memória coletiva e também de fortalecer a Identidade Cultural de seus membros, reforçando para que elas continuem a serem transmitidas, sendo que não só o turista irá conhecer aspectos culturais do local visitado, como também os nativos das regiões citadas terão sua cultura apreciada, transpondo significância aos símbolos que as correspondem, promovendo assim um processo dinâmico, visto que as manifestações

culturais e suas representações são fluídas, e estão em constante interação, evitando assim o engessamento e evitando que se perca com o tempo.

Reforça-se então uma imagem de Tríplice Fronteira que admite em seu rol de atrativos turísticos, que as manifestações culturais artísticas, representam através dos significados dos seus símbolos, povos, tradições, culturas de povos que se encontram além das fronteiras territoriais, um verdadeiro tesouro cultural.

Referências

BARRETTO, M. *Cultura e Turismo: discussões contemporâneas*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

BOULLÓN, R. C. *Atividades Turísticas e recreativas: o homem como protagonista*. Tradução: Maria Elena Ortega Ortiz Assumpção. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARDIN, E. G. *As ciências sociais nas fronteiras: Teorias e metodologias de pesquisa*. 1º edição. Cascavel, PR: JB, 2014.

DIAS, R. *Sociologia do Turismo*. São Paulo: Atlas, 2003.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. 1º edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução: Vera Mello Joscelyne. 7º edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KUPER, A. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução: Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. 14º edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ORTIZ, R. *Cultura e Modernidade: A França no século XIX*. 1º edição. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PIRES, M. J. *Lazer e Turismo Cultural*. 1º edição. São Paulo: Manole, 2001.

SAHLINS, M. D. *Cultura e razão prática*. Tradução: Sérgio Tadeu de Niemayer, revisão técnica: Luis Fernando Dias Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SANTANA, A. *Antropologia do Turismo: analogias, encontros e relações*. Tradução: Eleonora Frenkel Barreto. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTOS, J. L. *O que é Cultura*. 16º edição. São Paulo: Brasiliense, 2006.